

história seja contada. "Havia mesmo muita ge

A primeira vez
que o meu marido
comprou um esque
nunca mais me esq

CONVERSAS de POIAL:

quando a memória
é a várias vozes.

Índice

Apresentação

Enquadramento

Património Cultural Imaterial

Conversas de Poial

Memórias narradas... em Conversas de Poial (2009-2012)

Comércio local, Sociabilidade e Lazer

Arquitetura

Habitabilidade

Jardins da Memória

Património Religioso

Porque é que este Lugar não tem gente?

Habitar [com Arte]

Um Lugar. Muitas Idades. Diferentes Vozes.

Bibliografia e Websites

APRESENTAÇÃO

A ideia do Museu como uma estrutura fechada, elitista, compreensível apenas para alguns, embora muitas vezes difundida, nunca fez sentido. De acordo com a definição do ICOM (International Council of Museum) o Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição. Partilhamos desta conceção. Acreditamos num Museu que trabalha para e com a comunidade, em prol do desenvolvimento sustentado do território, e estamos convictos de que o Património Cultural é elemento essencial de identidade e de conhecimento.

O Património Cultural de um povo, pela sua própria definição, é uma herança que a todos pertence. Somos responsáveis, enquanto cidadãos, pela sua conservação e salvaguarda. Todavia, essa responsabilidade não é, a maior parte das vezes, assumida por todos de forma igual. Alguns acreditam que cabe exclusivamente aos Museus esse papel de zelar pelo património cultural - é, na verdade, a sua vocação primária, mas a sua concretização depende da participação e envolvimento dos cidadãos, proprietários desta herança. Estamos dispostos a permitir que outros decidam por nós qual o passado que importa? O que deve ser preservado, e o que não tem importância passar para os nossos filhos e netos? Devemos demitir-nos da responsabilidade de conhecer o passado, e renunciar ao dever de utilizar esse conhecimento para construirmos um mundo melhor?

O que faríamos nós sem passado? Que futuro seria o nosso sem as aprendizagens e referências do passado? Que sentido fará que um Museu decida sozinho o que é Património Cultural? O Museu Municipal de Palmela acredita que, isolado, não deve assumir essa escolha. Esta opção não decorre de falta de capacidade técnica, mas de preferência pela capacidade de decidir com a Comunidade, isto é, com recurso a um processo participativo. Para tal, precisamos de todos vós. Precisamos que intervenham ativamente neste processo de gestão e salvaguarda do NOSSO Património Cultural. Precisamos que sintam como vosso o que é de facto vosso, e que se entreguem, de corpo e alma, à sua conservação e salvaguarda. Precisamos que o divulguem, que o passem de geração em geração. Que se empenhem em cuidá-lo e respeitá-lo.

As **Conversas de Poial** demonstraram esta capacidade dos cidadãos em intervir, por direito e dever, na gestão do Património Cultural, contribuindo simultaneamente para a produção de conhecimento. Foi com a Helena, a Violante, o Altino, o Manuel, o Valdemar, o Idalécio, ... que aprendemos mais sobre o Centro Histórico de Palmela. Foi convosco que compreendemos o que é importante e o que deve ser salvaguardado. Foi através das vossas memórias de criança, de jovens adultos, de pais e mães, de profissionais, que viajámos pela história contemporânea deste lugar no qual nos orgulhamos de viver.

A todos vós o nosso
Muito obrigada!
Que o vosso exemplo seja fonte
de inspiração para outros!

A Presidente da Câmara



Ana Teresa Vicente

ENQUADRAMENTO

O ciclo **Conversas de Poial** chegou ao fim da sua primeira fase. Nesta publicação apresentamos os resultados do projeto que nasceu em 2009, no âmbito da exposição temporária «Patrimónios: Centro Histórico da vila de Palmela», enquadrada no projeto cofinanciado pelo mecanismo financeiro PorLisboa/QREN-Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela. A exposição, da responsabilidade do Museu Municipal, teve como objetivo apresentar o resultado das investigações transdisciplinares acerca desse lugar.

Para além das fontes documentais materiais, fruto dos trabalhos de pesquisa em variadas áreas, a equipa técnica responsável pelo projeto procurou, através do Arquivo de Fontes Orais (AFO) do Museu, recolher e divulgar estórias que estão subjacentes aos acontecimentos que determinaram o desenvolvimento do território.

Compete-nos, por isso, fazer um enquadramento prévio sobre o conceito de **Património Cultural Imaterial** enquanto fonte, técnica e metodologia de trabalho. Sumariamente, apresentamos a sua importância no âmbito do trabalho que desenvolvemos, e descrevemos os resultados que se pretendem alcançar, dentro dos quais as **Conversas de Poial** têm/tiveram um papel determinante.

O corpo central desta publicação é composto por imagens e estórias recolhidas durante o hiato temporal que medeia o início do projeto e a presente edição. Serve como repositório das memórias partilhadas.

É, sobretudo, uma forma de homenagear e agradecer a todos quantos, durante os três últimos anos, partilharam o seu conhecimento e experiência de vida, e os que nos acolheram nos diferentes espaços que habitam e dinamizam o Lugar.

Para que a memória ganhe corpo; para que a história seja contada; para que quem nasça possa, um dia, saber.

*Para que a memória ganhe corpo; para que a história seja contada;
para que quem nasça possa, um dia, saber.*

A photograph of a group of people at a social gathering, possibly a bar or restaurant. In the foreground, a woman with short dark hair and glasses is looking upwards and to the left. She is wearing a white zip-up jacket. Behind her, another woman with glasses is visible, looking towards the camera. On a table in the foreground, there are several water bottles and a glass. The background is dark and out of focus. The text 'Património Cultural Imaterial' is overlaid on the right side of the image in a white, sans-serif font.

Património
Cultural
Imaterial

Património Cultural Imaterial

Podemos começar este texto como se de uma história se tratasse:
Era uma vez...

Era uma vez um conjunto de nações que se uniram, em 1945, com a missão de contribuir para a Paz, a erradicação da pobreza, o desenvolvimento sustentável, e promover o diálogo intercultural entre os diferentes povos do mundo através da educação, ciência, cultura, comunicação e informação. A UNESCO - nome atribuído a essa união de nações - ganhou reconhecimento ao longo dos anos pelo trabalho desenvolvido em prol da humanidade. Em 1972 criou a Convenção de Salvaguarda do Património Cultural e Natural, tendo definido uma série de critérios que avaliam a importância de património candidato por diferentes países. Esta convenção tem como objetivo identificar e promover a salvaguarda de monumentos e locais de excepcional importância para a Humanidade, enquanto valor comum. Foi criada uma lista de Património da Humanidade onde Portugal tem 14 inscrições; a última foi atribuída em 2004: *Paisagem da cultura da Vinha da Ilha do Pico, nos Açores*.

Mas não ficou por aqui. Em 2003, este conjunto de nações decidiu ir mais longe e criou a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Com esta convenção a UNESCO apresentou um novo conceito de património, mais abrangente, mas também mais complexo. Assim, para além da matéria, perfeitamente definível na sua forma e textura, surgiu o intangível, no domínio do que não é palpável. Mais difícil de compreender e de explicar, o Património Imaterial assume uma importância ímpar ao referir-se diretamente a pessoas, e não a objetos.

Considera-se património cultural imaterial o conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural.

Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.

UNESCO, artigo 2.º da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, 2003

Portugal foi um dos países que ratificou esta convenção, em Março de 2008. Criou o departamento do Património Cultural Imaterial (PCI) no Instituto dos Museus e Conservação (IMC) com a missão de desenvolver e executar a política cultural nacional no domínio do Património Cultural Imaterial, promovendo o estudo, a salvaguarda e a sua divulgação; o registo gráfico, sonoro, audiovisual ou outro das realidades sem suporte material para efeitos do seu conhecimento, preservação e valorização, bem como o registo dos bens culturais móveis ou imóveis associados ao património imaterial, sempre que aplicável.¹

¹http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/patrimonio_imaterial/ContentDetail.aspx [Consult. 31 janeiro 2012]

No âmbito deste trabalho destacamos o Inventário Nacional do *Património Cultural Imaterial*, através da criação do software MatrizPCI, uma base de dados online, que é referência nacional e internacional nesta matéria. Em 2011, o Fado foi considerado Património Imaterial da Humanidade.

*Meu nome sabe-me a areia
Que cresce num rio novo
Entre as verdades que sonho
E as tristezas que transponho
Meu nome sabe-me a povo*²

Poderíamos dizer que esta é uma História com um final feliz. Mas, na verdade, a história não termina aqui. Ela tem a medida da nossa História. Estamos a construí-la, e dela fazemos parte. O Património Imaterial, mais do que qualquer outro, pressupõe o efetivo envolvimento das comunidades, quer na sua concretização, quer na sua salvaguarda. Trata-se, tal como é referido por Andresen Guimarães, anterior Presidente da Comissão Nacional da UNESCO, de um ato de cidadania³ de que não nos devemos demitir. Todos somos responsáveis pela sua sobrevivência. E foi, tendo implícito este fundamento, que o Museu Municipal de Palmela, também em 2003, criou o Arquivo de Fontes Orais (AFO) com o objetivo de sistematizar métodos e técnicas de trabalho no que diz respeito à recolha e ao tratamento deste tipo de documentação. No entusiasmo dos primeiros tempos desenvolvemos o projeto pedagógico «Como construir a memória» (nos anos letivos 2004/2005 e 2005/2006), direcionado para as escolas do concelho. O projeto teve início com a realização de uma ação de formação para os docentes interessados em trabalhar em parceria com o Museu.

Nesta ação, de dois dias, tivemos como objetivo apresentar o projeto; sensibilizar os formandos para a sua importância no contexto da sala de aula; dar a conhecer o conceito de Património Cultural Imaterial sob a perspetiva do trabalho desenvolvido pela UNESCO; demonstrar, através de exercícios práticos, métodos e técnicas de recolha e de tratamento de dados; abordar a importância destas fontes para o trabalho desenvolvido no Museu.

Foi também nosso propósito sublinhar a importância das Fontes Orais, não só na perspetiva da recolha etnográfica, mas também como valorização da pessoa, no sentido em que cada um é parte importante na construção da História. Cada ação produzida, mesmo que por vezes nos pareça insignificante, pode resultar numa cascata de acontecimentos.

Esta mensagem é tão mais importante agora, quando estamos sistematicamente envolvidos na perceção de que a conjuntura económica atual comanda o mundo, e que cada um pouco ou nada pode fazer para mudar o rumo dos acontecimentos. Não é verdade, e quisemos demonstrá-lo em sala de aula. Assim, as primeiras oficinas tiveram como propósito fazer com que cada criança recuperasse a sua história pessoal, valorizando-se enquanto indivíduo. É uma história ainda curta, é certo, mas a maior parte das vezes pouco conhecida: “Como é que os pais se conheceram e apaixonaram?”, “Como reagiram quando o viram pela primeira vez?”, “Qual foi a primeira palavra palrada?”, e por aí adiante...

Foi com entusiasmo que vivemos, juntamente com cada criança, este processo de (re)descoberta. O projeto potenciou oportunidades únicas de envolvimento das crianças com a família, neste assunto dos afetos. Muitas vezes tivemos de conter as lágrimas ao ouvir, pela voz das crianças, os textos que os pais escreveram sobre elas. Era evidente o orgulho, traduzido no olhar brilhante com que o faziam, mesmo dos mais tímidos.

² *Meu nome sabe-me a areia* – letra de Vasco de Lima Couto, música de Alfredo Marceneiro, repertório de Amália Rodrigues. In <http://www.portaldofado.net>. ³ in CABRAL, 2011: Prefácio.

As oficinas seguintes buscaram demonstrar a importância da matéria como resguardo da memória. E aqui entrava o conceito de Museu. Convidados a trazer um objeto de eleição, falavam sobre a sua escolha e foi realizada uma pequena exposição: o meu pequeno Museu.

Durante os anos seguintes, a equipa do Museu continuou a trabalhar na recolha de fontes orais. Enquadrada nos vários projetos de investigação, subordinados a diferentes temáticas⁴, as recolhas de memórias foram seguindo o seu rumo.

A metodologia aplicada à recolha baseia-se na definição prévia de guiões de entrevista que servem de apoio no decorrer da entrevista propriamente dita. Socorremo-nos do guião apenas quando é estritamente necessário, porque entendemos a entrevista, neste âmbito, como uma conversa informal, orientada, que flui à medida do relato dos entrevistados/informantes.

Cada guião tem um conjunto de questões base que implica a recolha de informações parciais sobre vários aspetos da vida do entrevistado. Embora muitas vezes refirmamos o método de Histórias de Vida, na verdade não o praticamos porque, tal como referido por O'Neill⁵, trata-se de uma técnica de trabalhar com uma lupa, focada em pormenores absolutos do percurso de uma vida⁶. É um trabalho complexo e extenso, que necessita de tempo e de recursos de que de não dispomos. Assim, o nosso objetivo é tentar obter informação relativa à vida de cada um dos informantes - começando sempre com questões relativas ao seu passado mais longínquo, num recuo às gerações anteriores, às memórias de infância, de escola, ... -, de forma a ser possível, após um número considerável de entrevistas a diferentes pessoas, no âmbito de uma mesma temática, desenhar um cenário de época, e não a história de vida, propriamente dita, do informante.

A seleção dos informantes é feita de acordo com critérios pré-definidos. Alguns requisitos são essenciais: coerência e clareza de ideias, capacidade discursiva. No âmbito do projeto de investigação «Arquitetura Caramela», que o Museu levou a cabo, parte da investigação decorreu com alunos adultos do antigo Ensino Recorrente. As primeiras entrevistas em grupo permitiram ao investigador obter uma quantidade considerável de tópicos de pesquisa, a partir da experiência de vida dos participantes, e possibilitou que, numa segunda fase, fossem selecionados os informantes que respondiam positivamente aos critérios atrás descritos. Nesta segunda fase foram realizadas entrevistas individuais a cada um dos informantes selecionados, com o propósito de obter informação específica sobre o tema em estudo. Alguns informantes disponibilizaram-se para nos receber duas a três vezes, até termos esgotado – na medida do possível – as informações a recolher. Hoje, o acervo do AFO do Museu Municipal de Palmela é composto por um conjunto de documentação audiovisual considerável, mas está longe de reunir condições de conservação adequadas a esta tipologia de materiais. As entrevistas, gravadas nos primeiros anos em cassetes áudio e posteriormente em vídeo, são transpostas para pastas digitais a que apenas os investigadores do museu têm acesso. Não foi este o propósito do AFO quando foi constituído. Queríamos torná-lo acessível ao público interessado, e queríamos um espaço para depositar e conservar o material audiovisual com dignidade. Continuamos a esforçar-nos para que este cenário se venha a concretizar, a médio/longo prazo.

Antes de avançarmos mais nesta história, é útil retrocedermos ligeiramente, para tornar claro, no contexto do trabalho desenvolvido pelo Museu, o papel do Património Cultural Imaterial (PCI) relativamente a outras fontes documentais.

⁴Servem, como exemplo, as investigações desenvolvidas no âmbito das seguintes temáticas: Ferroviários; Arquitetura Caramela; Vitivinicultura; Molinologia. ⁵Brian Juan O'Neill, antropólogo. ⁶in www.memoriamedia.net [Consult. 21 julho 2011].

Não é nosso objetivo tratar o PCI isoladamente, sobreavaliando-o relativamente às restantes variáveis que compõem o social. Acreditamos, tal como Schmidt ⁷, que o historiador biógrafo não deve procurar resolver esse problema opondo um dos “polos”, o do indivíduo ou o da sociedade, mas sim adotando estratégias narrativas que estabeleçam uma permanente tensão entre o personagem e os constrangimentos/possibilidades de sua época. (2004: 37)

Bourdieu ⁸ na sua «Ilusão Biográfica» (1986), criticava o facto de, a partir da memória de vida de um indivíduo se pretender retratar toda uma sociedade. Considerou que o percurso de vida resulta de um conjunto de abstrações e acasos, não lineares cronologicamente, e por esse motivo, completamente distintos da História. Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência. Uma criação artificial sem sentido. (1985: 185).

O autor considera que esta fonte de informação dá lugar a uma versão romanceada e não real da História, provida da rapsódia de sensações resultantes do discurso do indivíduo sobre si próprio.

Para Kessel ⁹, a memória é uma construção a partir de variadíssimos estímulos do tempo presente, através de processos que podem ser conscientes ou não.

Alberti ¹⁰ (Schmidt: 2004) fala da impossível unidade do Eu, recorrendo para isso ao exemplo dos heterónimos de Fernando Pessoa que, a seu ver, justificam a pluralidade de personagens que compõe o indivíduo.

Pollak ¹¹ concretiza, afirmando que a memória resulta «de uma composição entre os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos por tabela» (grupo ou coletividade a que pensa pertencer). E isto conduz-nos a um fenómeno de projeção,

pois muitas vezes o próprio indivíduo não participou efetivamente no acontecimento mas, pelos relatos do Outro, estes ganham relevo no seu imaginário (1992: 202).

Desta forma, falamos da memória também como um património herdado. Particularmente se nos referirmos à memória dos lugares, que colige, para além da experiência individual, informações por transferência e por projeção.

Ora, estando conscientes do singularismo das Fontes Orais, consideramos que a sua ausência numa investigação representa um *esquecimento e silêncio* dramático na etnografia contemporânea. Não houve outra época em que os meios tecnológicos à disposição fossem tão eficazes para a recolha e salvaguarda do intangível. Para Pais de Brito ¹² «Os arquivos não poderão mais ser apenas instituições centralizadoras, distantes e de difícil acesso do registo da voz e do saber do outro, tantas vezes sem rosto, (...) Aquelas vozes e gestualidades, saberes, serão retomados como projetos culturais e políticos enquanto expressão dos quotidianos, matéria e condição de desenvolvimento e pertença no mundo plural.» (Carvalho, 2011: 51) O relato dos acontecimentos pela voz de quem os viveu é uma fonte importante, e até determinante, para o conhecimento e compreensão dos factos. Não só pelo conteúdo do que nos é transmitido, mas também pela forma como este é expresso. A emoção transmitida durante o depoimento é fundamental para que o investigador incorpore e recrie mentalmente o acontecimento. Saber que Palmela *cheirava a feijão*, é uma informação que não conseguiremos encontrar em fontes escritas. E esta frase, quando acompanhada por uma descrição pormenorizada do aroma, do crepitar do lume, do doce das couves da época, permite aproximarmo-nos mentalmente da vivência. E não sejamos ingénuos, a memória, tal como a História, não existe em si mesma. Torna-se realidade quando partilhada e registada. Toma existência.

⁷ Benito Bisso Schmidt, da Uni. Federal do Rio Grande do Sul. ⁸ Pierre Bourdieu (1930-2002), sociólogo, filósofo e antropólogo francês. ⁹ Zilda Kessel, educadora e formadora do Museu da Pessoa, especializada em Museologia, com mestrado em Ciência da Informação.

¹⁰ Verena Alberti, formada em história, antropologia e teoria da literatura. ¹¹ Michael Pollak (1948-1992), sociólogo austríaco. ¹² Joaquim Pais de Brito, Director do Museu Nacional de Etnologia.

A disciplina científica a que chamamos de História, ao recolher, agrupar e cruzar informações e factos, interpretando-os e atribuindo-lhes uma lógica globalizante e cronologicamente determinante, dá forma ao conhecimento sobre um passado, recente ou longínquo, construído no presente. Se tal não acontecesse olharíamos para trás e veríamos apenas uma série de factos fortuitos, aleatórios e, sobretudo, acidentais, sem qualquer relação entre si, cujo registo em fontes escritas (se bem que ao utilizarmos a terminologia de fontes estamos já imbuídos do espírito historiográfico, de que não nos conseguimos distanciar) estaria desprovido de qualquer significado narrativo.

A História, ao analisar determinados documentos em detrimento de outros tantos disponíveis, ao enveredar (que rima com enredar) por uma determinada linha de investigação, também em detrimento de outras tantas possíveis, é ela própria uma construção do homem. O historiador conduz a pesquisa da forma mais objetiva possível, é certo, mas de acordo com a subjetividade do tempo presente. É o enquadramento atual que orienta o processo de investigação, a partir das fontes escritas do passado.

As próprias fontes escritas são resultado do presente de cada época. As informações, detalhadas ou apresentadas de forma mais genérica, são produto dos estímulos que recebe da sociedade sincrónica.

Ao clarificar a nossa postura de recusa da sobrevalorização das fontes escritas face às fontes orais, e vice-versa, considerando que ambas têm o seu papel científico legítimo, permitimo-nos justificar porque é que as Fontes Orais são elemento sempre presente nas pesquisas sobre a História contemporânea do concelho, tratadas metodologicamente de forma distinta.

Acreditamos, tal como Paziani ¹³, na abordagem interpretativa de indivíduos e de grupos particulares, através da emergência da pessoa anónima enquanto sujeito da história.

As fontes orais permitem-nos entender o rumo da história através do percurso individual. Não temos a pretensão de apreender a sociedade na sua globalidade. Tão só tornar inteligível parte de si, e contribuir para a sua compreensão. «Ou seja, as histórias que as pessoas queiram contar sobre o seu património são reveladoras da sua memória, da sua identidade, do seu património cultural imaterial.» (Carvalho, 2011: 144)

A técnica de recolha de Fontes Orais vê, não só nas palavras, mas também nos gestos, nas expressões, nos silêncios, importantes tonalidades que documentam o percurso de uma vida. A vida é efetivamente um caminho, ou vários caminhos que por uma razão objetiva, ou apenas aleatória, se vão cruzando. Cada ação implica uma consequência, é o somatório deste conjunto de ações, de caminhos trilhados de forma individual, que constrói a História.

¹³Rodrigo Ribeiro Paziani, investigador brasileiro.

CONVERSAS de POIAL



CONVERSAS de POIAL

E assim, nesta história do *Era uma vez*, chegamos perto do clímax, mas ainda longe do desfecho.

Um Museu Municipal, como o concebemos, deve definir estratégias de intervenção e sensibilização junto da comunidade. Deve agir estrategicamente numa aproximação às pessoas, os seus públicos.

E, no contexto do património intangível, «deve-se entender a integração da dimensão imaterial na estratégia do museu como uma forma de dar resposta à função social do museu, que por sua vez só é possível através de estratégias participativas. Pode dizer-se que uma visão pragmática e algum bom senso são alguns dos ingredientes necessários para o sucesso desta empresa, que requer um trabalho de retaguarda, exige tempo e preparação e que tem que ser continuamente estimulado.

Mas acima de tudo exige mudança de atitude.» (Carvalho¹⁴, 2009: 89)

«Neste sentido, os museus têm pelo menos três possibilidades de atuar: como catalisadores, como intermediários e como espaços em si mesmo (...) Deve ser capaz de provocar a reflexão e a mobilização das comunidades.» (Carvalho, 2011: 125)

Em 2009, durante o processo de planificação da exposição

«Patrimónios: Centro Histórico da vila de Palmela», a equipa considerou a possibilidade de envolver a população na sua conceção. Moveu-nos também o interesse em solidificar os conhecimentos sobre a história contemporânea do lugar, e ter acesso a novas informações que não estão disponíveis noutra tipo de fontes. Embora as grandes temáticas estivessem definidas, os conteúdos estavam ainda em aberto.

Como envolver, efetivamente, a população neste processo?

Surgiram as *Conversas de Poial* – cujo nome está intimamente ligado ao centro histórico. A denominação *Conversas de Poial* é uma evocação aos tempos em que as ruas de Palmela se vestiam de gente.

As portas, permanentemente abertas, convidavam ao encontro entre vizinhos e transeuntes. Sentadas no poial, as mulheres preparavam os ingredientes para as refeições ou catavam os piolhos nos cabelos das crianças, que por ali brincavam livremente; os homens paravam para dois dedos de conversa.

As principais preocupações, no início do projeto, estavam relacionadas com o nível de participação esperado, e o ambiente em que as conversas decorreriam.

Considerou-se determinante para o sucesso da iniciativa divulgá-la presencialmente junto dos habitantes do centro histórico, existindo interlocutores privilegiados, fruto do trabalho já desenvolvido.

A distribuição dos folhetos de divulgação foi feita pelos técnicos do Museu, de porta em porta, a par dos mecanismos habituais no circuito de comunicação e divulgação da autarquia.

Assegurada a sua presença, era necessário atestar que existiam condições para a sua participação nas conversas, não apenas como meros espetadores. O local e o ambiente em que as conversas decorreriam eram fatores determinantes. Concluímos que as

conversas deveriam ser realizadas em espaços habitualmente já frequentados pelas pessoas, em ambientes descontraídos, informais, onde o quotidiano se misturasse com os objetivos que queríamos alcançar. Era particularmente necessário que não fosse um espaço intimidante. Os cafés, associações e jardins surgiram como os locais ideais para recriar este ambiente de convívio; quem chegasse de novo poderia optar por ficar, sem prejuízo de se sentir intimidado.

Assim, num convite direto aos habitantes do Centro Histórico da vila de Palmela para construírem, com o Museu, a memória do lugar, as *Conversas*, subordinadas a diferentes temáticas, decorreram entre 2009 e 2012.

¹⁴Ana Rodrigues Carvalho, investigadora.

A primeira edição aconteceu no Café Serafim, em Março de 2009, onde abordámos o Comércio Local, a Sociabilidade e o Lazer. Como verificámos nas edições seguintes, estes foram os temas que mais conversa potenciavam, pelas memórias alegres que traziam à tona. As brincadeiras de Carnaval, os *jantarinhos* de Verão, os bailes nas sociedades e nas ruas... despoletavam entre os participantes várias emoções que se traduziam na partilha fluida de memórias. Outros temas foram sendo tratados ao longo deste tempo: arquitetura, arqueologia, cinema, artes. Habitámos a sede do Grupo Coral Ausentes do Alentejo, a Casa Gama do FIAR, o Cineteatro S. João, a Taberna Parreirinha, o Café Santiago.

Atevemo-nos, por duas vezes, a conversar no interior de espaços do Divino: na Igreja de Santiago do Castelo de Palmela e na Igreja da Misericórdia. Dizemos atrevemo-nos porque corríamos o risco de fracassar nos objetivos traçados de buscar a informalidade, o que não se veio a concretizar.

Foi na Igreja de Santiago que, no início de 2010, solicitámos aos participantes que fizessem um balanço das edições anteriores e que projetassem o futuro da iniciativa. Reunia consenso a ideia de que o projeto seria para continuar e criámos uma nova agenda.

Na igreja da Misericórdia, em Abril de 2011, falámos sobre práticas e ritos religiosos. Lembrámos a solenidade da procissão do Senhor Morto e do Senhor dos Passos, e tivemos direito ao trautear da música *O voz omnes*.

Em Março desse ano, tomámos o caminho dos jardins do Centro Histórico. Em tempo de Primavera as flores, os cheiros e os sons acompanharam-nos neste trilho de memórias. A passagem pelo Parque Venâncio Ribeiro da Costa trouxe à lembrança a segunda-feira das Merendas. Semanas depois, no dia 2 de Maio, reunimo-nos na Esplanada para recriar esta tradição a que pretendemos (população, Grupo + 60, Academia dos Saberes e Comunidade Educativa) dar continuidade nos próximos anos.

No terraço do Mercado, em Junho de 2011, habitámos o centro histórico com arte. Vários artistas locais inspiraram-nos com diferentes apontamentos: ouvimos saxofone, cantámos marchas, vimos teatro e cinema, dançámos, fizemos ilustração e artesanato.

Em Maio, enquadrados pelas Comemorações do Dia Internacional dos Museus, ocupámos a Taberna da Parreirinha com a pergunta: *Porque é que este lugar não tem gente?* Referíamo-nos não só ao espaço-taberna - outrora importante local de sociabilidade -, mas particularmente ao Centro Histórico de Palmela onde o entardecer é demasiado silencioso. Encontrámos algumas respostas, mas não soluções, pelo menos a curto prazo. Porém, foi consensual que devemos continuar a trabalhar em conjunto para criar dinamismo e vigor neste lugar que nos acolhe.

Em Outubro, já bafejados pelo arrefecimento noturno, embrulhámo-nos em mantas e sentámo-nos na esplanada do Café Serafim. Desta vez potenciámos o encontro de gerações: *Um lugar. Muitas idades. Diferentes Vozes*, a propósito do Grupo de Arqueologia de Palmela. Recordámos os trabalhos que foram desenvolvidos em período de férias por jovens interessados em conhecer e contribuir para um maior conhecimento sobre o concelho. Falámos sobre a importância destes projetos de aprendizagem e de sensibilização para a salvaguarda do património.

Consideramos fundamental que os projetos sejam renovados. Respirem. Retomem força, criatividade e inovação. Assim, apontamos este tempo como uma paragem temporária pois prevemos que a médio prazo retomemos estes momentos de convívio e de conhecimento, mesmo que em diferentes moldes mas, igualmente, com o entusiasmo e a participação de todos, e de muitos mais. Desta forma, o desfecho desta história fica ausente desta publicação. É uma história em aberto.



Memórias narradas...
em conversas de Poial
(2009-2012)

COMÉRCIO LOCAL, SOCIABILIDADE e LAZER

Vinham pessoas de fora trabalhar para Palmela, eu ia à loja da minha mãe, pegava numa mão cheia de meias e punha-me a vender por aí. Chegava a casa, tinha vendido aquilo tudo, levava uma sova. Ficava aí um mês, dois meses sem vender. Ao fim lá ia outra vez: meias e peúgas. Quando fiz o exame a prenda que a minha mãe me deu foi uma trouxa às costas: agora vai vender meias e peúgas. Mas eu andava satisfeito com aquilo! Gostava daquilo! Ia a pé daqui para o Montijo. Depois corria o Montijo, Alcochete, Samouco, Sarilhos Grandes e Sarilhos Pequenos... Depois no Domingo vinha para a Quinta do Anjo. Eu queria montar uma loja com dinheiro ganho por mim. Até que um dia fui-me abaixo das canetas e parei. Porque andava mesmo numa vida parva. Ia comer às tabernas e nunca escolhia aquilo que queria comer. Lia o mais barato e o mais barato é que eu comia.

Arnaldo, Conversas de Poial, Café Serafim, 20 de março de 2009

E era na loja do meu marido [mercearia do Fausto, situada na Rua Serpa Pinto] (...) que fazia cinema e passava para os rapazes. Ele fez uma maquinazinha e iam lá os rapazes, pagavam-lhe dois tostões. (...) Aquilo era em criança, os rapazes sentavam-se lá todos de cadeira e viam o cinema.

Alexandrina, Conversas de Poial, Cineteatro S. João, 24 de setembro de 2010

"A rua do cinema só existia até ao meio."



"Havia mesmo muita gente."



"Por isso, nós vivíamos todos em conjunto uns com os outros."

A vida aqui nestas ruas - que eu nasci aqui - era fervilhante. Havia mesmo muita gente. Porquê? As mães não trabalhavam, os pais estavam no campo, as crianças eram muitas. Estas ruas estavam cheias, cheias de gente. Os jardins infantis não haviam. Eu por acaso andei lá em cima no padre, havia umas freiras... porque a maior parte dos meus amigos ninguém andou nos infantários. Por isso, nós vivíamos todos em conjunto uns com os outros.

José, Conversas de Poial, Café Serafim, 20 de março de 2009

É por isso que o que eu gostava mais do cinema era dos intervalos! Nunca fui grande apreciador de cinema, e ainda hoje não vejo cinema. E então, na quarta-feira - eu nessa altura como já não tinha pais, vivia com a minha irmã em Setúbal - vinham os autocarros para o cinema, e eu aproveitava vinha no autocarro para namorar. E então, quando a gente vinha ao cinema, no intervalo a gente aproveitava para namorar um bocadinho, que de outra forma não havia hipótese. Isso era garantido. O meu antigo sogro até dizia: Olha que é só à quarta-feira, há!?

Nicolau, Conversas de Poial, Cineteatro S. João, 24 de setembro de 2010



ARQUITETURA

Antigamente sempre que se fazia um chão de uma casa, que era em terra, chamava-se lá o vizinho que tocava acordeão, metia-se ali uns copos, fazia-se um baile que era para bater no chão, para aquilo ficar tudo bem batido.

Manuel, Conversas de Poial, Sede Grupo Recreativo Ausentes do Alentejo,
abril de 2009

A rua do cinema só existia até ao meio. Até antes de chegar à cooperativa.

A cooperativa era um celeiro de trigo, que estava isolado.

Aquilo era um cabeço que não havia nada. Havia um moinho lá em cima ao pé dos Loureiros, e eu lembro-me ainda que andámos a fazer os restos daquela rua – andei ali a trabalhar muito tempo – aquilo depois foi tudo arrancado. Só havia aquela casa dos Castanheiros - aquela que está ainda em frente à cooperativa. Mas eles entravam por trás, naquele beco, e na frente era terra batida até à porta.

Manuel, Conversas de Poial, Sede Grupo Recreativo Ausentes do Alentejo,
abril de 2009



"...naquele beco, e na frente era terra batida até à porta."





Eu tinha 11 anos [dia do ciclone, em 1961] nessa altura - faltava um mês. Eu andava com o Zé do Popas, que tinha um rebanho de cabras. E eu andava com ele a guardar as cabras. Estávamos na estação de Palmela quando começou a vir aquele calor, aquela... aquele bafo, e o vento começou a apertar, a apertar, digo eu assim: Ó ti Zé, vamos embora que isto vem aí muita chuva. (...) Havia ali uma vinha grande, agarrámos nas cabras e pusemos lá dentro da vinha. Eu comecei a ver chapas de zinco a vir pelo ar, cabeças de pinheiro (...) o celeiro, onde está a cooperativa, era chapas de zinco, aquilo estava aparafusado. Parecia que tinha caído uma bomba ali dentro. Aquilo torceu os ferros todos... e não houve uma única chapa de zinco que lá ficasse.

Na quinta da cerca, na parte de trás, havia as malhadas que era onde a gente tinha as cabras, (...) só lá ficou os paus. De resto foi tudo!

Manuel, Conversas de Poial, Sede Grupo Recreativo Ausentes do Alentejo, abril de 2009

À porta, um pano branco e as pessoas sabiam que havia ali um talho.

Helena, Conversas de Poial, Sede Grupo Recreativo Ausentes do Alentejo, abril de 2009



Habitabilidade

A primeira vez que o meu marido comprou um esquentador, nunca mais me esqueço, (...) uma alegria tão grande! Eu morava no rés do chão e primeiro andar, e então mandámos fazer uma lata de 10 litros, nunca vi aquela água ferver em cima de um fogão de petróleo. E então lá ia o meu marido com a lata de alumínio pela escada acima, chegava entrava na banheira vai de deitar... os dois à pressa.

Diz o meu marido: isto não pode ser assim. Isto é uma tristeza, vem o inverno e nunca tomamos banho com água quente. E então fomos comprar um esquentador Vaillant. Foi o primeiro que eu tive.

Helena, Conversas de Poial, Casa Gama, 15 de maio de 2009

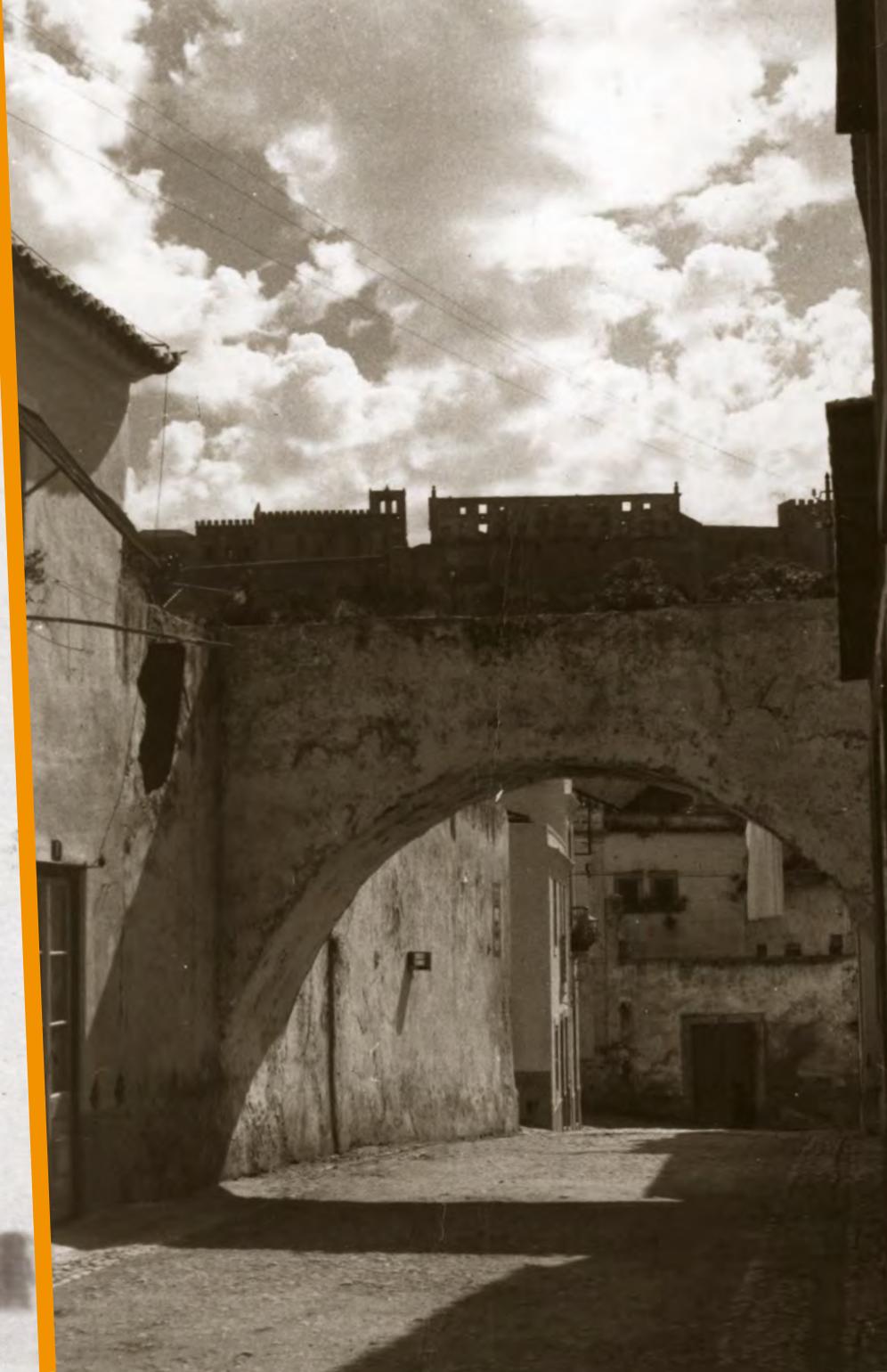
Quando se ia ao Chafariz e demorava-se mais tempo, era os namoricos... - Ah! Estava uma grande bicha!

Valdemar, Conversas de Poial, Casa Gama, 15 de Maio de 2009

Eu lembro-me de ir buscar 5 tostões de cacau e a minha mãe fazer uma cafeteira para uma prima minha de Lisboa, coitada não estava habituada a beber cacau e a minha mãe fez uma cafeteira de 1 litro, com 5 tostões de cacau, ali da Maria do Carlos. A minha prima disse assim, com uma voz lisboeta: Oh Madalena, isto é chá de cacau. Isto não é cacau. (...) nunca mais se esqueceu.

Elsa, Conversas de Poial, Casa Gama, 15 de maio de 2009

*A primeira vez
que o meu marido
comprou um esquentador,
nunca mais me esqueço,
(...)
uma alegria tão grande!*



*Foi mais ou menos nos anos 60 quando isso começou a deixar de existir. (...) Era o Agostinho [quem conduzia a carroça que recolhia os dejetos]
(...) Nos anos 60, praticamente, é que se começou a fazer a canalização para toda a gente. Já havia gente que tinha.
E o saneamento básico também.*

Altino, Conversas de Poial, Casa Gama, 15 de maio de 2009

*Lembro-me eu quando casei, a minha mulher veio de casa dos pais e tinha lá essas coisas todas. E veio para a barriga vazia.
E eu depois comprei uma televisão – eu vendia televisões também, mas queria uma Mueller que era uma televisão boa.
Fui ao representante a Lisboa, e o tipo não me vendia. Mas eu fiz ver que estava a comprar uma coisa que eu não vendia, que eu gostava daquilo,
e acabou por vender. Agarrei na televisão e trouxe para aqui para esta loja na véspera de Natal. Fui convidar a minha mulher para vir aqui ajudar,
enquanto ela estava aqui saí por aquela porta e fui lá pôr na chaminé. Eu fui para cima, e em vez de ir para casa fui para a casa da minha mãe,
havia uma janela que atirava lá para minha casa, direito à cozinha, fui espreitar a ver a reação da minha mulher.*

Gama, Conversas de Poial, Casa Gama, 15 de maio de 2009





JARDINS da MEMÓRIA

*Vinham quase todos os dias passear ou para o castelo ou ficavam aqui pela encosta [referindo-se à família]. Era muito raro uma pessoa ter máquina fotográfica. Mas havia um rapaz de fora que tinha uma e que vinha cá tentando namorar uma das raparigas (...)
Manuel Giraldes que trazia a sua máquina e fotografava a minha prima em todas as posições, com a sua família.*

Candinha, Conversas de Poial, Jardins da Memória, 23 de março de 2011

*Quando éramos miúdas, eu e as minhas colegas primeiro vínhamos brincar – jogar berlinde e à bola. E eram raparigas e rapazes. Mas na altura toda a gente dizia que as raparigas não podiam brincar com os rapazes. Mas nós brincávamos (...) E éramos conhecidas pelas malucas: o grupo das Tininhas que eram as malucas. (...)
Entretanto começámos a crescer e então, em vez de brincar vínhamos fazer o enxoval. Vínhamos bordar para debaixo das árvores, fosse Verão, fosse Inverno. Chegámos a estar aqui debaixo de chuva a bordar. Não era aquela chuva torrencial mas pinguinhos que batiam primeiro nas árvores e tinham dificuldade em chegar em cima de nós. Só quando começava a pingar mesmo em cima de nós é que nos íamos embora. Fazíamos cantaroladas, fazíamos teatros, fazíamos tudo. Adorávamos estar na Esplanada.*

Violante, Conversas de Poial, Jardins da Memória, 23 de março de 2011

"Fazíamos cantaroladas, fazíamos teatros, fazíamos tudo. Adorávamos estar na Esplanada."



"(...) Manuel Giraldes que trazia a sua máquina e fotografava a minha prima em todas as posições, com a sua família."



O nome anterior da Segunda-feira de Merendas era Segunda-feira das Sestas. Sestas de quem dorme a sesta. (...) Porquê? Porque era o primeiro domingo do ano agrícola em que os patrões consentiam que os seus trabalhadores dormissem um bocadinho depois de almoço. Passavam o inverno todo a trabalhar de sol a sol e nesse tal dia a seguir à Pascoela, era o primeiro dia, digamos assim, do verão alargado, em que os trabalhadores tinham licença para dormir uma hora ou um bocado (...) E depois essa horazinha da sesta começou a alargar, a alargar até que ficou a tarde toda. E os homens vinham para casa ao almoço e de tarde iam então para o parque fazer a Merenda.

Candinha, Conversas de Poial, Jardins da Memória, 23 de março de 2011

Mais antigo do que isso e ainda mais interessante – eu não conheci mas a minha mãezinha contava-me – era o sr. Santana que vivia numa quinta ali em baixo que tinha vacas, que trazia a vaquinha por aí e mugia a vaquinha à porta das pessoas.

Olga, Conversas de Poial, Jardins da Memória, 23 de março de 2011



"... os homens vinham para casa ao almoço e de tarde iam então para o parque fazer a Merenda."



PATRIMÓNIO RELIGIOSO

(...) E mostrava o rosto do Senhor à multidão, aos peregrinos, olha, ainda me estou a arrepiar porque eu gostava muito disto. [...] Vinha muita gente de fora. E então na Procissão dos Senhor dos Passos havia excursões que vinham de Setúbal.

Reizinho, Conversas de Poial, Igreja da Misericórdia, 15 de abril de 2011

Ainda tirei muitas vezes o Senhor dos Passos. A gente mexia no Senhor, trazia-se cá para baixo, e pedia-se ao Senhor para vir a chuva.

Às vezes ainda a gente estava a pedir e já estava a chover.

Georgina, Conversas de Poial, Igreja da Misericórdia, 15 de abril de 2011

"Às vezes ainda a gente estava a pedir e já estava a chover."



Grandes festas! (...) Celebravam-se com muita força o Santo António, S. João e S. Pedro. Eram festas lindas com fogueiras por todo o lado. As pessoas juntavam-se todas, faziam arraiais, comiam caracóis e outras coisas. Comiam na rua, faziam piqueniques à noite, festejavam nas ruas. Era uma coisa linda!

Olga, Conversas de Poial, Igreja da Misericórdia, 15 de abril de 2011





O Senhor Morto era menos gente, mas era uma coisa que estava dentro de nós.

Violante, Conversas de Poial, Igreja da Misericórdia,

15 de abril de 2011

PORQUE É QUE ESTE LUGAR NÃO TEM GENTE?

Antes da Pé Frita [taberna], estive a Florinda e estive o João Coelho, João do Rato. Três tabernas haviam ali. Era do avô da Cristina, que era à esquina da Rua Almirante Reis para a Rua Hermenegildo Capelo. Do lado de cá da rua, à quina, que era a da Florinda que é onde está agora a mercearia. Que depois foi do João do Rato, e depois foi da Pé Frita. E depois foi do Nêpera. E depois havia a minha. Mas que antes ser minha foi de um Sebastião. E depois foi do meu avô e depois é que foi minha. Mas quando foi do Sebastião, o alvará é o número 51 e o livro é o número 1. Data de 1929. Mas depois existia também uma taberna, onde está agora aquela casa que é da Veva, ao lado da drogaria. E a outra porta também foi taberna. Até tinha uns degraus, que se desciam. E depois no lado direito, em frente ao talho, houve outra taberna e uma mercearia que era da família dos Rasteiros. Quem explorava a taberna era o José Tonizio, o pai do Zeca. Ao domingo formavam-se grupos de trabalhadores e proprietários e corriam as tabernas. Em cada taberna pagava um.

Tarquínio, Conversas de Poial, Taberna Parreirinha, 18 de maio de 2011

As vidas foram-se todas modificando. À noite, agora por Palmela não se vê ninguém (...) Dantes a rapaziada andava todas nos largos. Uns a jogar ao toque, outros a jogar às cavalitas, outros a jogar à lata. Juntavam-se 10/15 rapazes. Agora não se vê nada, nada! No Verão jogavam ao saca-rolhas ou como é que se chama àquilo – uns saltavam por cima dos outros...

Henrique, Conversas de Poial, Taberna Parreirinha, 18 de maio de 2011

"Ao domingo formava-se grupos de trabalhadores e proprietários e corriam as tabernas. Em cada taberna pagava um."



*"(...) Dantes a rapaziada
andava todas nos largos.
Uns a jogar ao toque,
outros a jogar às cavalitas,
outros a jogar à lata."*



E antigamente havia a rivalidade entre os Caceteiros e Loureiros. E os rapazes da escola, no meu tempo, fazíamos os jogos de futebol Loureiros contra os Casseteiros. A gente era de baixo e eles eram de cima. Começavam a jogar à bola, íamos até à estrada da Moita à corrida atrás da bola. Se eles conseguissem empurrar a bola, lá levavam, a gente íamos todos atrás. E depois começávamos a empurrar para cima e íamos quase até ao pé do castelo.

Mário, Conversas de Poial, Taberna Parreirinha, 18 de maio de 2011

Aqui nesta rua até passavam muitas carroças. A gente éramos pequeninas e íamos esperá-las ali naquele lado [Largo do Terreiro].

E subíamos isto sempre atrás da carroça.

Cristina, Conversas de Poial, Taberna Parreirinha, 18 de maio de 2011

HABITAR [COM ARTE]

*"Rapaz de Palmela se namoras tem cautela guarda bem a namorada,
Rapaz de Palmela se tu gostas muito dela tens que tê-la bem guardada,
Andam por aí homens que são ladrões e roubam às raparigas os cofres dos corações,
E se tu não queres ser assim roubado,
Guarda aquela que tu queres, guarda-a com todo o cuidado*

"(...)

*E de tudo são capazes,
Se não tens cuidado ao lhe dares a mão,
esta seta que trouxemos faz um furo ao coração,*

*"Rapaz de Palmela se tu gostas tanto dela, guarda bem a namorada,
Rapaz de Palmela se tu gostas muito dela tens que tê-la bem guardada,
Andam por aí homens que são ladrões e roubam às raparigas os cofres dos corações,
E se tu não queres ser assim roubado,
Guarda aquela que tu queres, guarda-a com todo o cuidado..."*

Teresa, Conversas de Poial, Terraço do Mercado, 02 de junho de 2011



Quem me ensinou foi um tipo chamado Mário Charló que era sapateiro, que era dos piores músicos que havia, mas foi um homem que conseguiu pôr uma data de músicos na banda. Porque dantes tinha que se dar o solfejo duas ou três vezes para se conseguir um instrumento.

Jaime, Conversas de Poial, Terraço do Mercado, 02 de junho de 2011

Era um homem com uma habilidade! [Mário Nascimento] Fazia desenhos lindos, pintura, foi quem fez os cenários dos Loureiros durante muitos anos. Era um grande artista. E pintava as meninas que depois iam representar no palco. (...)

Entre elas foi a Emília de Santo António que era uma grande artista do grupo cénico dos Loureiros.

Violante, Conversas de Poial, Terraço do Mercado, 02 de junho de 2011

"... era dos piores músicos que havia, mas foi um homem que conseguiu pôr uma data de músicos na banda."

O Máximo pintou na Igreja de S. Pedro logo à entrada, aquele teto que está por baixo do coro. (...) um fulano que pintou muita coisa em Palmela (...) que fazia os cenários da Humanitária, pintou algumas casas – algumas casas que têm salas pintadas. Lembro-me por exemplo do Auriolino quando comprou a Quinta da Atalaia, e me mostrou umas salas que precisavam de restauro (...) – olhe quem fez isto foi o Máximo. E pintou também coisas da sociedade de Quinta do Anjo (...)

António, Conversas de Poial, Terraço do Mercado, 02 de junho de 2011



Um Lugar. Muitas Idades. Diferentes Vozes

Antes de estar a trabalhar no castelo, fiz duas campanhas no Zambujalinho. Como já era regular, nos trabalhos de Verão, dedicar-me a este trabalho porque gostava, íamos ganhando experiência... eu e o João começámos nisto andávamos nós no 7.º ano. (...) Lembro-me de ter feito aqui uma cicatriz que tenho na mão, por andar com o carrinho de mão e rocei com a mão no prego que estava espetado na parede, e fui a correr para a minha avó.

Miguel, Conversas de Poial, Esplanada do Café Serafim,

7 de outubro de 2011

Eu e o Prata seguimos informática, hoje trabalhamos os dois em programação e a primeira coisa que fizemos com aquilo que estávamos a desenvolver na universidade, foi exatamente criar um site, uma página de arqueologia, onde partilhávamos as nossas histórias. (...) Ainda hoje o bichinho cá está.

João P., Conversas de Poial, Esplanada do Café Serafim,

7 de outubro de 2011





O que se passou de facto em Palmela, de certa forma é singular. Estou ligado a esta área de trabalho no património, também numa autarquia, e hoje em dia não se consegue cativar jovens, praticamente desinteressados de qualquer custo ou qualquer financiamento, - poderia dizer que isto foi só por gosto e companheirismo. Naquela altura foi possível repetir, ano após ano, um grupo mais ou menos estruturado, sem grandes combinações, sem nada, e acho que isso é que foi muito interessante. Mas isso foi também porque a equipa que cá estava também sabia cativar. Não se limitava só às escavações. Lembro-me bem que fazíamos sempre as almoçaradas, as jantaradas, e chegámos a fazer umas visitas de estudo. (...) Mas também tínhamos, de certa forma, alguma autonomia, sempre muito controlada, obviamente, mas as pessoas já sabiam o que é que andavam a fazer. E hoje somos todos amigos. E nós praticamente não nos vimos quase o ano todo e nas Festas das Vindimas fazemos sempre um jantar dos "amigos das arqueologias".

João V., Conversas de Poial, Esplanada do Café Serafim, 7 de outubro de 2011



"... nas Festas das Vindimas fazemos sempre um jantar dos "amigos das arqueologias".



BIBLIOGRAFIA

BRITO, Joaquim Pais «Patrimónios e Identidades. A difícil construção do presente» in PERALTA, Elsa, ANICO, Marta coord. - *Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas*. Oeiras: Celta, 2006. p. 43 – 51

BOSI, Ecléa - *Memória e Sociedade - lembranças de velhos*, 3.^a ed., São Paulo: Cia das Letras, 1994

BOURDIEU, Pierre - *A Ilusão Biográfica*, 1986 [versão online: <http://pt.scribd.com/doc/52032536/BOURDIEU-Pierre-A-Ilusao-biografica-in-Usos-abusos-da-historia-oral>, consult. 02 agosto 2011]

CABRAL, Carla Bertrand – *Património Cultural Imaterial. Convenção da UNESCO e seus contextos*, Lisboa: Edições 70, Arte e Comunicação, 2011

CARVALHO, Ana – *Os Museus e o Património cultural Imaterial. Algumas considerações*. [versão online: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8935.pdf>, consult. setembro de 2011]

CARVALHO, Ana – *Os Museus e o património cultural imaterial: estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*, Évora: Colibri/ CIDEHUS – Universidade de Évora, 2011

KESSEL, Zilda - *Memória e Memória Colectiva* [versão online: http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf, consult. setembro 2011]

SCHMIDT, Benito B. «Grafia da Vida: Reflexões sobre a narrativa biográfica», in *História Unisinos*, São Leopoldo, vol. 8, n.º 10, p. 131 – 142, 2004

SCHMIDT, Benito B. «Flávio Koutzii: pedaços de vida na memória (1943-1984) - apontamentos sobre uma pesquisa em curso», in *História Unisinos*, v. 13, p. 189-196, 2009

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro «Problemas, limites e possibilidades: os paradigmas dos desafios bibliográficos», in *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 2 n.º 4, Dezembro de 2010

POLLAK, Michael «Memória e Identidade Social», in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.º 10, 1992, p. 200 – 212

POLLAK, Michael «Memória, Esquecimento, Silêncio», in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, 1989 [versão online: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf, consult. 2008]

websites

Museu Municipal de Palmela <http://www.cm-palmela.pt>

Memória Media <http://www.memoriamedia.net>

Museu da Pessoa (Brasil) <http://www.museudapessoa.net>

Museu da Pessoa (Portugal) <http://www.museu-da-pessoa.net>

Museu Virtual Galp <http://vidas.galpenergia.com>

Ficha Técnica

TÍTULO

Conversas de Poial: quando a memória é a várias vozes

AUTORIA

Teresa Sampaio

FOTOGRAFIA

Paulo Nobre e Maria Teresa Rosendo

FOTOGRAFIA DE ÉPOCA

autores não identificados.

ORGANIZAÇÃO DAS CONVERSAS DE POIAL

Cristina Prata, Michele Santos, Sandra Silva, Teresa Sampaio, Zélia Sousa

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Palmela

Largo do Município

2951-505 Palmela

212 336 640 | 212 336 641

patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Palmela, Setembro 2012

história seja contada. "Havia mesmo muita ge

A primeira vez
que o meu marido
comprou um esque
nunca mais me esq

POR
LISBOA
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL

QR
EN
QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013



Centro
Histórico
Palmela

Município
Palmela